

## CLÁUDIO MANUEL DA COSTA: O LETRADO E O POETA

Marcela Verônica da Silva  
(Doutoranda — UNESP)

**RESUMO:** Cláudio Manuel da Costa transitou entre o Barroco e o Arcadismo. A primeira estética orientou sua escrita na juventude, enquanto era estudante de Cânones na Universidade de Coimbra (1749) e a segunda evidencia-se a partir do seu contato com o iluminismo, que concebia práticas mais racionais na composição das Belas Letras. A presente comunicação pretende apresentar um panorama do momento histórico marcado pelo declínio da Escolástica e advento do Iluminismo e, para ilustrar esses momentos utilizarei textos acadêmicos e poéticos de Cláudio Manuel da Costa, que marcou presença na *Academia Brasílica dos Renascidos* da Bahia, em 1759, atuando como acadêmico supranumerário. Tal instituição, apesar de ter apoio do marquês de Pombal ainda apresentava traços do período seiscentista e ganhou destaque através da instituição de uma *Arcádia Ultramarina* em Minas Gerais, na qual apresentou obras que marcaram o período arcádico entre nós.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Escolástica; Iluminismo; Academia Brasílica dos Renascidos; Cláudio Manuel da Costa.*

### Introdução

Ao ser lançado aos ideais iluministas por Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, Portugal precisou modificar sua política, seus métodos de ensino e, principalmente sua forma de ver a religião. A tentativa de modernizar Portugal era feita de modo autoritário, por isso, muitos dos conflitos oriundos do período pombalino têm sua raiz nessa nova postura despótica esclarecida.

Deste modo, os primeiros laivos de ilustração trazidos ao Brasil pelo Marquês de Pombal foram introduzidos e impostos de forma violenta, mas de certa forma não chocavam o Brasil, uma vez que a violência, o abuso e a exploração eram fatos corriqueiros assistidos desde sempre. O ensino jesuítico e sua colaboração para a nascente cultura brasileira foram retirados, ou melhor, arrancados do Brasil, dando lugar à vinda de uma nova concepção artística à Colônia. Porém, mesmo com essas mudanças, o estilo barroco ainda vigorou e mesclou-se aos novos conceitos, trazidos, entre outros, por Cláudio Manuel da Costa, que teve suas *Obras* (1768) consideradas como a primeira manifestação árcade, resultante destas mudanças.

Estes acontecimentos, segundo Lamego (1923), têm ligação bastante íntima com a criação da *Academia Brasílica dos Renascidos*, agremiação que contava com os mais importantes letrados da colônia, dando-lhes a possibilidade de participação na vida pensante do Brasil, por intermédio da criação de uma associação que viria para

dar continuidade às propostas de elaboração de uma história da *América Portuguesa* já iniciadas em 1724, com a *Academia Brasílica dos Esquecidos*. No entanto, apesar de ter os mesmos projetos, a constituição da *Academia Brasílica dos Renascidos* era mais aberta a outras ocupações, e isto foi projeto e resultado de uma visão iluminista que insere no centro das discussões os problemas do homem do Brasil Colônia.

O início e a consolidação dos pensamentos iluministas em Portugal e, em seguida no Brasil, são a chave para a compreensão das mudanças de foco das academias, que passaram a se preocupar mais com a comprovação dos fatos, procurando estabelecer bases mais sólidas para suas produções. Assim, a visível mudança de enfoque da *Academia Brasílica dos Esquecidos*, (cuja principal temática era o encômio) em relação à *Academia Brasílica dos Renascidos* (cujo principal objetivo era estabelecer uma pesquisa geográfica e histórica) torna-se clara.

O movimento academicista, ocorrido no Brasil entre meados do século XVII foi influenciado pelo movimento português, que, pode ser caracterizado por associações de eruditos, quase sempre orientadas por rígidos estatutos. Podiam ter objetivos literários, históricos e culturais, e, por terem surgido em meio à estética barroca, possuíam, de início, marcas deste estilo.

Uma das academias portuguesas que mais se assemelham em sua estrutura e objetivos às academias brasílicas dos Esquecidos e dos Renascidos, com maior destaque para a segunda, é a *Academia Real de História Portuguesa* (ARHP) que foi instituída em 1720 por D. João V. Seu objetivo era escrever a história secular e eclesiástica de Portugal, proposta também vislumbrada pela *Academia Brasílica dos Esquecidos*, que se propunha a escrever a *História Brasílica*.

Para Castello (1969), as atividades desenvolvidas no âmbito das agremiações podem ser divididas em três grupos, de acordo com a estrutura formal de cada associação: academias (organização seleta formada por sócios — homens letrados — chamados acadêmicos e divididos entre “numerários” e “supranumerários” — residentes em outras cidades ou até outro país, e por um mecenas e fundador); festejos (*Academia Brasílica dos Renascidos*. Além da realização da festividade, o ato acadêmico ou academia. Os festejos, manifestações artísticas seletas, no caso dos teatros, dos saraus e das óperas, pois apenas a elite participava. Porém, existiam também as manifestações populares, como as cavalhadas, a folia, os bailes de máscaras e as manifestações religiosas como procissões, missas e exposição do Santíssimo, que reuniam desde a elite até a população menos favorecida) e atos acadêmicos (reuniões (certames ou tertúlias literárias) geralmente de caráter

laudatório, direcionadas aos governantes da Coroa Portuguesa, enviados para o Brasil). A rigor, duas obras podem ser consideradas como atos acadêmicos:

1. *Academia em homenagem ao Senhor Bernardo José de Lorena*, datada de 1797. Os feitos destacados neste certame literário, em princípio, foram a construção da estrada que liga Santos a São Paulo e a inauguração da primeira cadeia pública de São Paulo. Entretanto, devido à necessidade de se interpor o caráter laudatório às composições, o ato se tornou exercício de louvor às qualidades de pacificador, que caracterizaram, pelos manifestantes, o governo de Lorena.

2. *O Parnaso Obsequioso*, drama musicado datado de 1768, de autoria de Cláudio Manuel da Costa, escrito com o intuito de parabenizar o Conde de Valadares pelo seu aniversário e também em razão de exaltar a figura do governador demonstrando suas expectativas em torno da nova administração das Minas.

Pode-se dizer que, no Brasil Colonial, as academias e as outras manifestações como os atos acadêmicos e os festejos públicos comemorativos eram de extrema importância dentro da vida cultural daquele tempo. Nestes acontecimentos, valores como a religiosidade e a hierarquia entre os participantes permitem o estudo não só da formação acadêmica, mas da formação de uma sociedade colonial, marcada por rígidos costumes.

No Brasil, o obstáculo para a centralização do poder pombalino era a *Companhia de Jesus*. Ao patrocinar a *Academia Brasílica dos Renascidos*, portanto, o Ministro buscava auxílio para pôr em prática a extinção da congregação.<sup>1</sup> Inocentes quanto às intenções de Pombal, os acadêmicos Renascidos buscavam patrocínio real para subsidiar a manutenção da agremiação, tal qual ocorrera com sua antecessora. Não sabiam, no entanto, da plataforma de mudanças engendrada pelo Marquês de Pombal com a sua criação. Destarte, os objetivos e a repercussão da criação da academia podem ser relacionados ao oportunismo de Pombal em recriar uma agremiação. Porém, desta vez, nos moldes iluministas e levando em conta seus interesses pessoais.

Assim, apresentaremos uma leitura da obra *O Parnaso Obsequioso* de Cláudio Manuel da Costa, além de algumas cartas do mesmo autor endereçada a acadêmicos renascidos — que correspondem a sua escrita acadêmica — e em seguida serão apresentados poemas que se enquadram em sua fase neoclássica.

---

<sup>1</sup> Os acadêmicos, devendo “favores” a Pombal, não se recusariam a apoiá-lo nesta questão.

## **O Parnaso Obsequioso (1769)**

O drama musicado *O Parnaso Obsequioso*, datado de 1768, é uma obra circunstancial, feita em razão da comemoração do aniversário do Governador de Minas Gerais, José Luiz de Menezes, Conde de Valadares. Apesar de também ter cunho encomiástico, revela um teor mais comprometido com a denúncia da situação local, ou seja, o abandono em que se encontrava a região das Minas no século XVIII, o que por si revela atitude que aponta para um amadurecimento da obra de Cláudio Manuel da Costa e para sua característica cortesã. Este comprometimento é mostrado pela prosopopeia, pela qual as Musas demonstram insatisfação por estarem desprovidas de arte e cultura, seus objetos de representação.

O que se observa nos versos que compõem este poema é um intenso uso de recursos retóricos com a finalidade de persuadir o governador a colaborar com o poeta em seus projetos de melhora para a província, região abandonada e corrompida pela sede de riqueza dos homens oriundos da metrópole, que apenas buscavam o lucro das escavações e da cobrança de impostos abusivos.

Na apresentação do texto, o orador se diz “Criado pela Arcádia Romana que se denomina Vice-Custode da Arcádia Ultramarina com o nome de Glauceste Satúrnio” (CASTELLO, 1969). Desta forma, subentende-se que o *Custode*, no caso o nome dado ao Presidente da Arcádia Romana (Custódio era o nome do pastor Daliso) seria o próprio Conde de Valadares, homenageado por Glauceste, que, na representação de humildade, coloca-se em posição inferior ao conde.

As personagens presentes em *O Parnaso Obsequioso* podem ser caracterizadas como trágicas, pois o que importa no drama é mais a ação que os próprios personagens, seu estilo apresenta musicalidade e tem a função de comover o ouvinte, pois o tom é apelativo, no caso, as Musas buscam despertar no Conde de Valadares a compaixão, para que ele leve a cultura à região das Minas.

O ornato é um dos principais elementos do texto e trata da parte da Eloquência com a qual o orador adquire maior fama.

Com o ornato [...] e adorno do discurso o mesmo orador se faz recomendar; e ao mesmo tempo, que nas mais coisas ele procura o juízo e a aprovação dos sábios, aqui procura também o louvor popular. (QUINTILIANO, 1944, p.33)

Assim, de acordo com Quintiliano, saber *ornar* o texto era saber utilizar a retórica. O ornato também está presente nas diferentes figuras de linguagem utilizadas ao longo do drama. Entre as formas mais utilizadas para se ornar um texto estão a

utilização das metáforas. N' *O Parnaso Obsequioso*, podemos encontrar a metáfora em "Das claras fontes/ Brilha o licor". Percebemos, pois, que a palavra "licor" substitui o vocábulo "água". Tal imagem demonstra uma descrição da natureza idealizada, comum em textos árcades e provoca um contraste com a realidade da região de Minas Gerais, cujas águas lamacentas são características da exploração aurífera. A mesma imagem pode ser associada ao recurso *ut pictura poesis*, comparação entre poesia e pintura, muito utilizada em obras barrocas, na qual Aristóteles demonstra haver, na poesia, a possibilidade de alcançar as sensações visuais pela força pictórica da linguagem, como na referência a dois sentidos encontrada no drama: a visão, associada ao "brilho" e o paladar associado ao "licor".

Ainda sobre metaforismo, merecem destaque nos textos acadêmicos as metáforas personalizadoras (CURTIUS, 1996, p.181). No drama *O Parnaso Obsequioso* a prática da personificação pode ser observada em alguns momentos, como em "Já despede a fria noite" ou "Riem-se os vales". No primeiro caso, a "fria noite" assume características humanas, pois "se despede" de algo ou alguém. No segundo caso, os "vales" assumem características humanas, pois, a eles é direcionado o sentimento de felicidade, expresso humanamente pelo "riso".

A antítese associada à exposição contrária de ideias, também é um recurso explorado nos textos retóricos, e, no academicismo pode ser relacionado, inclusive, à estética barroca, em cujas obras são bem recorrentes:

Toda sombra, todo horror;  
Torna ao mundo o novo dia  
Que enche a terra de esplendor.<sup>2</sup>

Nestes versos os vocábulos *sombra* x *esplendor* figuram como recursos de ornato explorados com a finalidade de evidenciar o estado das Minas antes da chegada do Conde de Valadares (sombra) e depois da chegada do nobre (esplendor). Tal recurso permite, inclusive, associar a chegada do jovem conde à chegada das *Luzes* (Iluminismo), na colônia.

As metonímias igualmente são exploradas nos textos retóricos. Em sentido *lato*, trata-se de substituição de uma palavra por outra em virtude de haver entre elas alguma relação ou de substituição de um nome por outro em virtude de uma relação semântica extrínseca existente entre ambos. Ou, ainda, uma translação de sentido pela proximidade de ideias. No drama em questão um caso de metonímia, que enfoca a "parte" em relação ao "todo", pode ser observado no excerto: "Eu vi que o peito

---

<sup>2</sup> Poema retirado do site [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=1655](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1655). Acesso em 20/09/2010.

armado...”. O efeito que tal figura exerce nesta frase é a substituição de “homem” por apenas uma parte de seu corpo “peito”.

A hipérbole também pode ser classificada como uma das figuras de linguagem recorrentes na retórica e, conseqüentemente nas práticas acadêmicas. Segundo Lausberg (1967) é uma ampliação crescente com evidente intenção de provocar estranhamento para além da credibilidade. Tem efeitos poético-evocativos e serve, na retórica, para despertar pateticamente no público afetos partidários e, na poesia, para a criação afetiva das imagens que ultrapassam a realidade. Cláudio Manuel da Costa faz uso deste recurso, em: “Cai em sangue banhado; o Indo te espera”. O exagero na imagem de um “banho de sangue” provoca estranhamento e, conseqüentemente, uma intensificação proposital.

A anáfora também é uma figura recorrente em textos acadêmicos. Trata-se da “repetição de uma parte da frase no início de grupos de palavras, que se sucedem” (LAUSERG, 1967, p.174). No drama há um exemplo do uso da anáfora pode ser observado no trecho: “Nós O adoramos/ Nós O servimos...”. A repetição das primeiras palavras no verso dão ênfase ao louvor dos personagens.

As divindades mitológicas possuem caráter alegórico. A mitologia, na expressão portuguesa do século XVIII, exerce esta função. Cada deus-função, explorado em diversas passagens, eleva a obra pela erudição do autor, eleva o leitor pelo reconhecimento do mito, mas subordina-se à religião católica, à qual os portugueses estão incondicionalmente ligados.

O louvor ao conde de Valadares é feito a partir das normas estabelecidas pela retórica para textos panegíricos. Entende-se o louvor como forma comum na Retórica ou na Oratória correspondente ao gênero epidídico. No poema de Cláudio Manuel da Costa, nota-se a presença dos tipos de louvor identificados pela arte Retórica. O louvor à estirpe é um deles:

Ilustre e digno Ramo dos Menezes  
Eu te vejo subir àquele assento  
Que lá se te prepara  
Junto aos teus grandes Pais... (Id. Ib).

O louvor às armas ou aos feitos merecedores de destaque na vida do homenageado é outro:

Eu o vi entre as Armas  
As ordens ministrar, com fronte heróica. (id. Ib)

E o louvor ao indivíduo às próprias atitudes do conde:

A delicada mão no Régio Hospício  
Dos míseros enfermos,  
Praticando o científico aforismo,  
Enfraqueceu da morte o despotismo. (Id. Ib.)

O último tipo de louvor (pós-morte) é apresentado juntamente com o louvor à estirpe do conde. Os feitos memoráveis de sua família são resgatados como motivos de exaltação.

Além dos tipos de louvor empregados por Cláudio Manuel da Costa na construção do discurso em homenagem ao conde de Valadares, percebe-se uma cronologia em que o autor trata da estirpe: “Ramo ilustre dos ínclitos Noronhas”; do nascimento: “Nascer se viu lá onde o fresco Tejo Banha...”; da instrução: “Eu tenho a feliz hora que tomastes a empresa de criá-lo, de o pulir, de o reger, e de educá-lo...”(formação do rei pelas Musas) e das habilidades do jovem conde, entre elas sua relação com as armas: “Vence os Cipiões, os Lélios, os Camilos”; sua caridade: “A delicada mão no Régio Hospício” e sua sabedoria nas Letras: “Os físicos princípios, a douda Geometria, A Ética, a moral Filosofia...”. O louvor ao Conde de Valadares advém da necessidade do poeta adquirir reconhecimento frente à elite de seu tempo e também demonstra uma posição de adequação do poeta ao contexto em que estava inserido.

A nobreza de sentimentos é uma característica tão importante no soberano quanto à sua estirpe ou a sua inteligência. No que toca às diversas tópicos a última a ser destacada no texto é o *sobrepujamento*, que, como já foi citado, trata-se de uma comparação do homenageado em que ele seja o melhor dos termos da comparação. Assim, tem-se:

Eu sei que na piedade  
Temístocles excede, e o fiel Zopiro  
No valor, na constância  
Vence os Cipiões, os Lélios, os Camilos. (id. Ib)

O recurso das tópicos é uma das formas de remissão à retórica antiga. O processo de construção dos argumentos está também presente em estrutura mais profunda. A composição do texto, assim, é organizada pelas ações passadas do Conde de Valadares, que demonstram sua experiência como governante, e as ações futuras, que projetam uma mudança positiva na região das Minas a partir de seu governo. Estes fatos são louvados no presente, pois isso significa dizer que sendo quem foi, sempre herói e louvável, não se espera menos dele no governo das Minas. Pelo contrário, espera-se a superação em relação a todos os governos, características expressas pela *tópica do sobrepujamento* assinalado acima.

O texto, após esta divisão entre passado e futuro, sintetiza as ideias, voltando à idade anterior da civilização ou à imagem fantasiosa da terra mergulhada n' "a idade em que os rios eram de mel, e eram de leite os lagos", para em seguida, retornar à realidade, trazendo a tona os problemas da exploração do ouro na região das Minas que, se por um lado traz riqueza, por outro traz a miséria na cultura. Tanto a passagem que remete a *passado x futuro* no governo do Conde de Valadares, quanto ao *passado x presente*, expresso na idade anterior à civilização para a realidade da região, ou ainda a presença das figuras de contradição: *riqueza x pobreza* e *prósperos x incautos* também são características antitéticas que marcam a estrutura de um texto retórico, que tem como tema a exploração de duas faces da realidade, a face negativa, associada ao presente e à época anterior ao governo do conde e a face positiva, marcada pela esperança de uma fase próspera. A construção das reflexões argumentativas, assim, faz-se já com a alternância dos contra-argumentos ou da refutação de ideias, construindo, deste modo, uma situação de paradoxos, que confere ao texto a imagem esperada: o trágico das Minas nas mãos do novo governante.

A leitura das obras *Munúsculo Métrico* e *O Parnaso Obsequioso* revelam que o referencial de composição era seguido tanto na estrutura do texto (organizada em partes) quanto na temática laudatória e na utilização de lugares comuns. Partindo, portanto, para uma análise das ideias, pode-se dizer que elas revelam características próprias da escrita de uma época de transição.

### ***Carta de Cláudio Manuel da Costa ao Secretário da Academia Brasileira dos Renascidos***

*Snr. Sargento-Mór Antonio Gosmes Ferrão Castello Branco* Depois de fazer manifesto ao Sr. Director da minha muito prezada Academia dos Renascidos quanto eu era agradecido á inestimavel honra de ser chamado socio de tão disticto congresso, não contento com pedir ao mesmo senhor faça representar a todos os senhores que em minha eleição votaram, os vivos sentimentos de amôr e gratidão que eu professo, não sei se menos á igualdade que ao favôr de seus votos. Especialmente devo fazer a V. Mcê, esta expressão que dignando-se a ter tão grande parte neste empenho, menos temem incorrer na censura do mundo, que recatar a benevolência de seu animo: será eterna na minha memoria a lembrança deste beneficio; e com este seguro passo responder a carta de V. Mcê.

No ultimo de Outubro, me foi entregue a preciosa noticia de V. Mcê. que fora escripta com data de 15 de Junho, a remessa do Rio para essa capital, não deixou de ser com diligência, porque o cavalheiro que a recebeu á 15, com a chegada da embarcação, a fez enviar no dia 16 do mesmo mez; a resposta necessariamente chegará com mais demora, tanto pela dificuldade dos portadores, que são raros na



ocasião, como porque entrando o inverno padecem no caminho algum intervallo as mesmas Paradas do Governo.

Com esta prevenção asseguro á V. Mcê, de que a dilação que occorrer não só na presente como em outra qualquer conjectura se não deverá tanto attribuir ao meu descuido quanto a ordinária contingência dos successos. Recebo os Estatutos e catálogos da minha muito prezada Academia e tudo quanto em hua e outra disposição advirto hé hum authenticico testemunho da prudente circumspecção do seu egrégio Director, eu tive a honra de admirar na Universidade os incomparaveis creditos que este senhor adquiria com os seus grandes estudos; e agora acabo de conhecer que elle dirigiu as sciencias ao seu verdadeiro fim, que he a utilidade publica.

Feliz a América, se como se há de immortalizar nella a memória deste illustre Mecenas, se perpetuasse nella também nessa cidade a sua assistência pessoal!

Nada teríamos que invejar nem os Porticos d'Athenas nem aos Templos do Egipto.

Em observancia do preceito, tudo aprovo, tudo admiro e respeito tudo.

Pede mais alta e prudente averiguação que fizer e de algumas lembranças ou documentos que nestas Minas se guardarem, fazer communicar á V. Mcê. As cópias ou os originaes na fórmula de sua recommendação.

A esta acompanha o juramento, não sei se com a solemnidade precisa; mas devendo-se em tal ponto attender, somente a validade e substancia do acto, ocioso se faz escrupulizar sobre a formalidade das palavras: sendo porem do voto dos Srs. Academicos, terá V. Mcê. a bondade de me communicar a norma; que quem principia a aprender cegamente obedece aos dictames que venera.

Finalmente, por me conformar com a disposição do § 6 ° dou a V. Mcê. estes apontamentos, não entrando em duvida, de que da minha falta de merecimento e virtudes pessoas, informarão melhor que a propria confissão que faço, as noticias de alguns contemporaneos, hoje socios meus com grande vaidade, na minha muito prezada Academia. Hé o primeiro o Sr. director que em sua carta se dignou honrar-me com este titulo: o Sr. Dr. José Telles de Menezes e outros senhores mais que poderão suprir com a dilatação dos meus defeitos, aquella parte que o natural amôr me obriga a encobrir.

Toda occasião que V. Mcê. tiver de honrar-me no seu serviço será para mim estimada e eu teria a honra de confessar que sou de V. Mcê. muito affectuoso socio. Vila Rica, 3 de Nov. 1759. Cláudio Manuel da Costa. (LAMEGO, 1923, p.98-100)

Nesta carta além do assunto — agradecimento e aceitação em participar da *Academia Brasílica dos Renascidos* — nota-se que sua organização revela aspectos de uma escrita elaborada nos moldes retóricos.

Os ornamentos figuram em expressões como “*censura do mundo*” ou “*aprender cegamente*”. Nestas expressões a preocupação com a beleza da frase não é mero pedantismo. Significa, antes, concordância com a indicação ao cargo para o qual foi convidado, procedimento que passa a exigir do acadêmico mais do que a elaboração de uma carta em tom sério, devendo expressar, igualmente, o tratamento formal, em tom laudatório, como no trecho “*Feliz a América, se como se há de*

*immortalizar nella a memória deste illustre Mecenas, se perpetuasse nella também nessa cidade a sua assistência pessoal!*". Da mesma maneira, a inclusão de seu nome entre os seletos da Bahia passa a exigir em sua correspondência oficial com a Academia o uso da modéstia, característica de cada acadêmico para exprimir seu sentimento de hierarquia em relação à diretoria e humildade diante dos demais sócios: *"minha falta de merecimento e virtudes pessoas, informarão melhor que a propria confissão que faço..."*; *"o Sr. Dr. José Telles de Menezes e outros senhores mais que poderão suprir com a dilatação dos meus defeitos, aquella parte que o natural amôr me obriga a encobrir."*

No primeiro parágrafo constata-se a presença da *gratidão e da humildade*, ligadas aos sentimentos que o autor diz ter para com os acadêmicos que o elegeram para ingressar na *Academia Brasílica dos Renascidos*. O autor pede que *"[...] faça representara todos os senhores que em minha eleição votaram os vivos sentimentos de amor e gratidão que eu professo"*. Tais palavras são utilizadas em textos ligados ao encômio e, pelo uso, tornaram-se uma tópica nos discursos baseados na arte retórica. A *nobreza de espírito* está presente na declaração de Cláudio Manuel da Costa ao "Senhor Secretário da Academia" dizendo que possui um *"animo benevolente"*.<sup>3</sup> Ou seja, além de pertencer à nobreza local, ocupa um lugar de destaque dentro da agremiação e, por esta razão, enquanto acadêmico, deveria ser apresentado como um homem de alma boa.<sup>4</sup>

Após essas duas tópicas realçadas neste início da carta há no final do parágrafo a *tópica exordial*, reconhecida a partir das palavras *"Será eterna na minha memória a lembrança deste benefício; e com este seguro passo responder a carta de V. Mcê."*. Assim, para melhor compreensão desta tópica cabe dizer que ela é um recurso utilizado para justificar o texto que escreve. No caso da carta a ser respondida, a matéria é a gratidão do autor.

No segundo parágrafo, observa-se a questão da *murmuração*, certo tom de condenação ou de insatisfação do autor em relação aos meios escassos de comunicação entre as capitânicas. Cláudio Manuel da Costa declara que a *"resposta [da carta] necessariamente chegará com mais demora, tanto pela dificuldade dos*

---

<sup>3</sup> Ver "benevolência de seu ânimo", constante do primeiro parágrafo da carta ao Secretário da *Academia Brasílica dos Renascidos* o Sargento-Mor António Gomes Ferrão Castello Branco. Sugere uma *tópica de Academia Brasílica dos Renascidos andamento do juiz*, em que Cláudio Manuel da Costa pretende que o secretário aceite as ideias propostas, mostrando-se, assim (o secretário), benevolente na leitura da carta do poeta.

<sup>4</sup> Deve ser observada neste trecho questão da prudência, tão importante para os letrados deste tempo. Sem ela, a atitude do acadêmico se torna inadequada e, conseqüentemente, indecorosa, diante de seus pares.

*portadores, que são raros na ocasião, como porque entrando o inverno padecem no caminho algum intervallo as mesmas Paradas do Governo.*”. Esta murmuração, entretanto, não caracteriza reprovação ou posição contrária ao estado das coisas. Pode, no máximo, significar uma reivindicação que sua figura de letrado tem por direito fazer, em nome muito mais do melhor andamento das coisas do local do que propriamente figurar como uma insatisfação que o coloque na condição de opositor. A questão prossegue no apontamento das dificuldades no transporte de correspondências.

Em seguida, o poeta parte para as questões burocráticas que deveriam ser cumpridas pelo acadêmico, entre elas, o recebimento dos catálogos e estatutos da *Academia Brasílica dos Renascidos*. Este ponto da carta pode ser considerado o foco, ou assunto principal. A indicação das obrigações do acadêmico, dos procedimentos burocráticos, da indicação dos empregos no catálogo e outras questões desta natureza, são de suma importância para o caráter documental deste trabalho, uma vez que objetivamos discutir a obra de Cláudio Manuel da Costa a partir da perspectiva não usual de sua obra, ou seja, pelo ponto de vista do acadêmico. Esta revelação não escapa, entretanto, da análise que devemos fazer dos aspectos da retórica implícita na execução da carta. Assim, internamente, o texto da carta fornece dados para a análise de conteúdo necessária para este trabalho e, por outro lado, documenta a prática que, a rigor, é a etapa inicial de nossa pesquisa, no que se refere à construção da obra acadêmica do autor.

Figuram, no parágrafo seguinte, as qualidades do diretor da agremiação, cujos trabalhos são admirados, segundo Cláudio Manuel da Costa, desde sua época de estudante na Universidade de Coimbra. As características presentes neste trecho já apontam, no texto, a opção pelo gênero epidítico, pois além de estabelecer uma relação de respeito à hierarquia, também apontam para a exaltação da erudição do homenageado.

No quinto parágrafo observa-se a explicitação do modelo de escrita da época: a correspondência, como os demais documentos da *Academia Brasílica dos Renascidos*, deveria ser composta com a formalidade que a instituição exigia. No parágrafo quinto da carta mais duas tópicas podem ser reconhecidas: a *tópica da falsa modéstia* e a *tópica exordial*: “*deve-se evitar a preguiça*”. A primeira pode ser observada na citação “*não sei se com a solenidade precisa*”. Neste momento o autor procura ganhar a simpatia do leitor mostrando-se modesto, uma vez que reconhece

que, por mais solenes que sejam suas palavras, elas não estavam à altura de tão ilustre leitor.

No penúltimo parágrafo encontra-se novamente a *tópica da falsa modéstia*, desta vez colocada no texto de forma mais explícita quando o autor revela: “*não entrando em dúvida de que minha falta de merecimento e virtudes pessoais...*”. Esta ocorrência além de ser muito explícita no início dos textos retóricos também tem espaço ao final quando já se encaminha para a conclusão, que, no caso da carta em questão, termina com elogios e agradecimentos. A repetição desta tópica, na carta, demonstra o envolvimento de Cláudio Manuel da Costa com o compromisso acadêmico, pois reitera a necessidade do acadêmico conquistar a simpatia de seu interlocutor. Tal atitude representa a humildade do acadêmico em relação aos seus superiores e, conseqüentemente, o cumprimento dos votos que constam do *Juramento*, que deve ser lido como um complemento das cartas, uma vez que encerra em sua estrutura elementos que ilustram bem as relações de fidelidade e obediência à agremiação.<sup>5</sup>

## **Conclusão**

O artigo em questão objetivou tecer uma reflexão sobre a obra acadêmica e poética de Cláudio Manuel da Costa. A distância temporal entre as duas composições marca dois momentos da poesia claudiana: o primeiro momento considerado Barroco e o segundo momento de transição Barroco-Arcadismo.

Apesar de existir essa divisão pode-se dizer que ela ocorre no âmbito da consciência crítica que o poeta adquire em sua trajetória e não tanto no aspecto formal ou estético de sua obra. A técnica de escrita é a mesma, Cláudio Manuel da Costa lança mão de preceitos retóricos e poéticos e faz uso de figuras de linguagem e de torneios comuns à estética barroca, porém, desde suas primeiras produções, o poeta mineiro se mostra comedido no uso de certas figuras, consciente de sua dificuldade em compor poemas cuja realidade era tão diferente da vivenciada em sua pátria rude e sem cultura e da incapacidade de deixar de lado sua formação escolástica e barroca.

Assim, se por um lado o poema *O Parnaso Obsequioso* e as cartas endereçadas aos acadêmicos renascidos propendiam ao estilo de escrita barroca pelo apelo religioso e pela utilização de marcas próprias dessa estética, percebe-se que há

---

<sup>5</sup> Juntamente com esta carta, portanto, o autor fez seguir um termo de *Juramento* à Academia, o que mostra o seu grau de comprometimento para com a agremiação.

uma mudança em relação ao discurso marcado pela clareza e por uma diminuição do rebuscamento formal.

### **Referências bibliográficas**

AGUIAR, Melânia Silva de. *O Jogo de Oposições na Poesia de Cláudio Manuel da Costa*. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 1973.

ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. São Paulo: Difel-Garnier, 1964.

BARTHES, Roland. A Retórica Antiga. In. COHEN, Jean et al. *Pesquisas de Retórica*. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

CASTELLO, José Aderaldo. *O Movimento Academicista no Brasil. 1648/1820-22*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1969-1971. 5v.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e idade média*. Tradução de Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1996.

ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*. 2 ed. Tradução de Ana Maria Alves. Lisboa: Estampa, 1995.

HATZFELD, Helmut. *Estudos sobre o Barroco*. Tradução de Célia Barrettini. São Paulo: Perspectiva, 1988.

LAMEGO, Alberto. *A Academia Brazilica dos Renascidos*. Paris: E`Edition d`art gáudio, 1923.

LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1967.

PROENÇA FILHO, Domício. *A poesia dos Inconfidentes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

QUINTILIANO, M. Fábio. *Instituições Oratórias*. São Paulo: Edições Cultura, 1944.

VERNEY, Luís António. *Verdadeiro Método de Estudar*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1952.